

DOSSIÊ

METAMORFOSES:
PROPOSIÇÕES PARA CONTER
A DESERTIFICAÇÃO DO PLANETA



LOGOS

Vol.30. Nº01. 2023

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

REITOR

Ricardo Lodi Ribeiro

VICE-REITOR

Mario Sergio Alves Carneiro

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Lincoln Tavares Silva

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof^a Cláudia Gonçalves de Lima

DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Prof. Bruno Deusdará

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DIRETORA

Patrícia Sobral de Miranda

VICE-DIRETOR

Ricardo Ferreira Freitas

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/Rede Sirius/PROTAT

L832 ***Logos: Comunicação & Universidade - Vol. 1, N° 1 (1990)***
- . - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social,
1990 -

Semestral

E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933

1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação - Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos. 4. Sociologia - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

CDU 007

LOGOS - VOL 30, Nº01, 2023

Logos: (E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933) é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

EDITORES

Diego Paleólogo, Márcio Gonçalves e Patricia Rebello

EDITORES CONVIDADOS

Raquel Paiva e Marcello M. Gabbay

CONSELHOS EDITORIAL E CIENTÍFICO

Alessandra Aldé (UERJ), Danielle Rocha Pitta (UFPE), Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ), Fátima Quintas (Fundação Gilberto Freyre), Henri Pierre Jeudi (CNRS-França), Ismar de Oliveira Soares (USP), Luis Custódio da Silva (UFPB), Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ), Márcio Gonçalves (UERJ), Michel Maffesoli (Paris-Descartes/Sorbonne), Nelly de Camargo (USP), Nízia Villaça (UFRJ), Patrick Tacussel (Université de Montpellier), Patrick Wattier (Université de Strassbourg), Paulo Pinheiro (UniRio), Ricardo Ferreira Freitas (UERJ), Robert Shields (Carleton University/Canadá) e Ronaldo Helal (UERJ)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Revista Logos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Comunicação Social

Programa de Pós-graduação em Comunicação

Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10.129, Bloco F

Maracanã

20550-013 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel: (21) 2334-0757

E-mail: logos@uerj.br

Website: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos>

PROJETO GRÁFICO

Celeste Ribeiro

REVISÃO DESTE NÚMERO

Patricia Rebello, Márcio Gonçalves e Diego Paleólogo



SUMÁRIO

- 13** **Sonhos e fabulações das epistemologias do cosmos vivo: costurando modos metamórficos de agir no mundo**
Dreams and fabulations of the living cosmos epistemologies: sewing metamorphic ways of acting in the world
ANA GRETEL ECHAZÚ BÖSCHEMEIER;
RAQUEL ASSUNÇÃO OLIVEIRA
- 31** **Agroecologia: metamorfoses no cotidiano da Zona Norte do Rio de Janeiro**
Agroecology: metamorphosis of everyday life in the northern zone of Rio de Janeiro
RODRIGO ROSSI MORELATO;
CLAUDIA DOMINGUES
- 49** **A cidade e reconfigurações dos vínculos sociais em tempos metamórficos**
The city and reconfigurations of social links in metamorphic times
ADRIANA LIMA DE OLIVEIRA;
GISELA GRANGEIRO DA SILVA CASTRO
- 65** **Sociabilidade e comunicabilidade: convivências ontológicas em zonas de contato e contágio**
Sociability and communicability: ontological convivialities in zones of contact and contagion
TIAGO BARCELOS PEREIRA SALGADO;
LUCIANA DE OLIVEIRA
- 81** **Reflorestar a subjetividade: d'A Metamorfose de Kafka ao devir em Meu tio o Iauaretê de Guimarães Rosa**
Reforesting subjectivity: from Kafka's Metamorphosis to becoming in Meu tio o Iauaretê by Guimarães Rosa
MARIA CRISTINA FRANCO FERRAZ;
ERICSON SAINT CLAIR
- 95** **Terra da Liberdade e a construção do protocolo da consulta: a comunicação política quilombola na transformação do mundo**
Terra da Liberdade and the construction of the consultation protocol: quilombola political communication in the transformation of the world
FÁBIO FONSECA DE CASTRO;
MARINA RAMOS NEVES DE CASTRO
- 111** **Montagens Decoloniais: os atingidos pela mineração na fotografia e no audiovisual**
Decolonial Montages: the affected by mining in the photography and film
CAIO DAYRELL SANTOS;
ANGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES;
RALUCA SOREANU
- 129** **Metamorfozes: futuros possíveis para a comunicação no Antropoceno**
Metamorphoses: possible futures for communication in the Anthropocene
LUCIMARA RETT;
FERNANDA HASKEL
- 145** **Potencialidades e desafios do jornalismo em face da desertificação da alimentação: enquadramentos do campo alimentar no podcast Prato Cheio**
Potentialities and challenges of journalism facing the food desertification: frameworks of the food field in the Prato Cheio podcast
NARA LYA CABRAL SCABIN

EDITORIAL

Há uma frase do cronista e psicanalista mineiro Rubem Alves, que as redes sociais se encarregaram de difundir enormemente: “Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”, com a qual queremos iniciar essa abertura do dossiê “Metamorfoses proposições para conter a desertificação do planeta” que propusemos à Revista Logos. Quando pensamos na temática estávamos ainda vivendo o possível, mas ainda não sabido, fim do período pandêmico, e nos parecia que os três anos em que ficamos reclusos e apartados do contato social poderia significar e orquestrar a composição de tempos que pudessem ser mais marcados pelo que entendemos ser o “humanismo prático”, ou seja, aquela centelha capaz de reagendar as formas de lidar com a vida no planeta.

A metamorfose está em curso, bem sabemos, sejam pelas rotas de colisão fortemente desenhadas pelo desdém ao aquecimento global, seja por a incivilidade que cada vez mais imprime marcas fundas nos convívios familiares, sociais e cidadãos, e seja ainda por um adoecimento cada vez mais generalizado a nível individual. A metamorfose tem apontado na última década com mais vigor para o fato de que a opção pelo antropoceno significa o encaminhamento para a ruína.

É preciso esclarecer que metamorfose não significa finitude, significa transformação. Metamorfose é uma palavra latina, *metamorphosis*, que deriva do grego *metamorphein*, significando *meta* (mudança, para além de) e *morphe* (forma). O melhor sinônimo seria “transfiguração”, de algo diferente do que havia anteriormente. É possível encontrar esse conceito para descrever o processo na biologia, em diversos insetos, répteis e corais. Também na psicologia, com as transformações comportamentais, personas, avatares e também em sentido figurado para representar a natureza transfigurativa da psique. Ou ainda na agronomia, com os cruzamentos de espécies na luta por sobrevivência, que ao atravessarem processos metamórficos acabam produzindo mudanças radicais impossíveis de se classificar como progresso ou regresso da espécie. A transfiguração se mostra completa, uma nova forma de

vida, tanto por efeito externo, quanto por um processo interior. E mesmo sendo algo novo, carrega os elementos da vida anterior.

Não se trata de uma revolução nos termos modernos ou ocidentais, aquela controlada pela racionalidade positivista ou evolutiva, mas sim de uma maneira de mudar a natureza da existência, de transfigurar as formas de ocupar o mundo e construir relações e sentidos. No ano 8 D.C., o poeta latino Públio Ovídio Naso, publicou “Metamorfoses”, que pode ser considerada uma “enciclopédia da mitologia clássica”, com a narração de acontecimentos míticos de personagens, as transformações de homens e deuses em rios, flores, rochas, ninfas e pássaros. O poema de 250 narrativas e 12 mil versos tem influenciado diversas áreas como a filosofia, a literatura, escultura, música e pintura. Dentre as várias obras, novela de Franz Kafka, “A Metamorfose”, de 1915, conta a história de Gregor, um metódico e correto funcionário, responsável por sustentar seus pais e irmã, que se descobre transformado em um inseto ao acordar.

Efetivamente, sempre passamos, enquanto seres vivos, por inúmeras transformações, esse é o ônus da vida em qualquer de suas formas. Entretanto, não há como negar que o aparato tecnológico imprimiu a esta nova transformação um novo e de certa forma imprevisível elemento. As cidades no mundo inteiro se transformam no novo paradigma da *smart city*, que convive na maioria dos pobres rincões do planeta lado a lado com os mais abjetos e arcaicos modos de sobrevivência. Tecnologia e ausência são agora parceiros do homem da atualidade que em uma mão segura o telefone celular em último modelo e na outra um balde para abastecer-se de água.

O extrativismo tem sido ao longo dos séculos a maior herança que os povos do hemisfério norte tem legado aos povos do hemisfério sul, e usualmente com práticas que já têm sido responsáveis por gerar novos e uma espécie fatal de homens mutantes e doentes. Uma temática *prá lá* de anacrônica totalmente apartada da produção midiática que nos permite assistir a continuidade desse danoso sistema com a naturalidade e normalidade dos olhares cansados. Nem mesmo as mais ativas redes sociais conseguem emplacar essa pauta enquanto assistimos a retirada maciça de ouro, minério, animais, vegetais e todas as riquezas minerais e animais sendo transformadas em cenário de desertificação.

Sobre tudo isso pensamos quando propusemos essa temática, sempre norteado pela vivacidade que nos trouxe o filósofo italiano Emanuele Coccia havia lançado o seu livro “Metamorfose” no ano anterior ao período pandêmico, em 2019, quase como uma profecia do que o mundo iria a vivenciar.

Pensamos também em como a experiência da pandemia da Covid-19, como uma oportunidade de reflexão coletiva, terminou apropriada pelo capital como desculpa para a aceleração do tempo do trabalho e superprodutividade materializada no abuso de tecnologias de trabalho remoto; e por outro lado no avanço da especulação econômica e imobiliária das cidades. Nos primeiros meses da pandemia assistimos ao esvaziamento das cidades, como em Londres, onde a saída aos supermercados e farmácias era regulada pela polícia. Logo começaram a circular imagens de centros urbanos, antes superocupados, então vazios. Uma imagem da Rua 25 de Março, em São Paulo, circulava na Internet, mostrando o maior centro comercial do Brasil de portas fechadas. Mas o mais impressionante foi quando animais selvagens começaram a aparecer em centros urbanos desocupados. Uma imagem de cabras da montanha caminhando em frente a lojas fechadas em Llandudno, no País de Gales, ou ainda um chagal nas ruas de Tel Aviv, Israel, cavalos pastando em um parquinho infantil em Izmir, na Turquia. Um guaxinim em Nova York, ovelhas em Montpellier, leões marinhos na Argentina.

Mas não muito depois vivemos uma irrefreável inflação do tempo do trabalho remoto. Além disso, o advento das vacinas e o retorno às ruas não trouxe consigo uma reflexão sobre a reocupação dos espaços. Pelo contrário, parece sugerir um modo de vida mais acelerado e desordenado.

Por isso, outro objetivo desse dossiê é colaborar com a urgência em refletir sobre o papel do ideal comunitarista e vinculativo na re-construção de um projeto de cidade inteiramente outro. É preciso reunir proposições, reflexões e experiências sobre a vida em tempos de metamorfose e crise.

Das contribuições que compõem este dossiê, tocando diretamente na temática da metamorfose, percebemos pontos de intersecção curiosos.

Raquel Assunção Oliveira e Ana Gretel Echazú Böschemeier partem da ideia de metamorfose como proposta por Emanuele Coccia, o filósofo e autor italiano que escreveu sobre a vida das plantas, para revelar futuros esperançosos em contraposição às histórias de teor pessimista ou apocalíptico em territórios narrativos como a Amazônia peruana, onde talvez ainda haja possibilidade de transmutação entre o passado ancestral e o futuro incerto.

Rodrigo Rossi Morelato e Claudia Domingues nos levam à favela da Zona Norte do Rio de Janeiro como outro território de possível transmutação em favor das novas e sustentáveis formas de

existência por meio da chamada “compostagem residencial”, mostrando como a agroecologia posta em prática apresenta soluções criativas para conter a desertificação do planeta.

Adriana Lima de Oliveira e Gisela Castro refletem sobre a possibilidade de reconfiguração dos vínculos sociais no cotidiano. Destacando o desequilíbrio entre conectividade tecnológica e vinculação comunicacional, as autoras perseguem fluxos comunicacionais que levem em consideração “uma nova percepção do espaço urbano no cenário metamórfico”, rumo à necessária transfiguração das formas de ocupar o mundo e construir relações.

Tiago Barcelos Pereira Salgado e Luciana de Oliveira levantam um termo importante mesmo do ponto de vista psicossocial, o “contágio”, como modo de operação para uma “comunicabilidade ecológica”. Com isso, os autores propõem repensar o conceito de sociabilidade como construído do ponto de vista antropocêntrico.

Fernanda Haskel e Lucimara Rett também abordam a metamorfose do ponto de vista da falência do antropoceno na forma como se construiu nos últimos séculos. Em busca de uma metamorfose nas formas comunicacionais diante de um mundo em crise climática, as autoras recorrem à produção de pensadores indígenas e femininas para descobrir “espaços de inventividades coletivas de outros modos de fazer mundo e produzir ciência”.

Maria Cristina Franco Ferraz e Ericson Saint Clair, por seu turno, falam em “reflorestar a subjetividade” trilhando um caminho entre Franz Kafka e Guimarães Rosa rumo à possibilidade de uma “revitalização subjetiva”. Com Guimarães Rosa, os autores perseguem “outros regimes semióticos aptos a reflorestar a subjetividade”.

Caio Dayrell Santos, Angela Cristina Salgueiro Marques e Raluca Soreanu avaliam como as grandes mudanças no meio-ambiente e na natureza provocadas pela exploração do minério no Estado de Minas Gerais vêm sendo documentadas pelo olhar da fotografia e do audiovisual contemporâneo na última década, destacando os aspectos éticos e políticos desta prática de registro imagético.

Finalmente, Fábio Fonseca de Castro e Marina Neves de Castro levantam um ponto também pouco considerado no mundo universitário: o de um “protocolo da consulta”, inspirado nas formas comunicacionais quilombolas do Norte do Brasil. Ali, o direito a “se dizer” é uma forma de resistência comunicativa, que surge na “relação entre existência e lugar para compreender o processo de construção dialogada”.

Pois o ponto em comum nestes textos todos, além de certa perspectiva generosa, sempre voltada para uma retomada de formas de existência ancestrais, é a ideia de metamorfose como movimento radical e inevitável. Acontecimento em curso e alheio à vontade racionalista do antropoceno e do pensamento moderno.

Por isso, não podemos deixar de mencionar as previsões que o sociólogo alemão Ulrich Becker escreveu em seu "A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade", alguns anos antes do período pandêmico, em 2015, e que já trazia pistas do mundo que agora começaremos a vivenciar, ante a retomada total do mesmo padrão pré-pandemia. Certamente o ponto mais importante trazido por Becker, além do trabalho prospectivo, foi a longa explicação do porquê da sua insistência em nomear esse período por metamorfose e não por transformação.

Segundo ele, "vivemos um mundo que não está apenas mudando, mas sim metamorfoseando" porque não se trata apenas de alguns padrões que estão sendo alterados, a questão é muito mais radical e generalizada e para traçar o panorama que descreve minuciosamente em seu livro, recomenda o olhar os sinais do que está se interpondo como novos cenários. Na sua descrição, a mudança climática ocupa um ponto decisivo, uma vez que já alterou a forma como vivenciamos o mundo e por isso é um agente da metamorfose. E sintetiza, o mundo em que estamos vivendo é o da metamorfose, que "não é uma mudança social, não é transformação, não é evolução, não é revolução e não é crise." Trata-se de um novo padrão e, portanto, exige uma nova maneira de pensar sobre o mundo. A proposta desse dossiê pretendeu iniciar, com seriedade, esse novo percurso de reflexão que tem a convocação para novas propostas epistemológicas e metodológicas.

Raquel Paiva e Marcello M. Gabbay